



ENCONTRO
DE EDUCAÇÃO
DE CANTANHEDE
- 9 E 10 DE JULHO -

WORKSHOP | RESUMOS

Das 9h30 às 12h30 e das 15h00 às 8h00

Flexibilização, sucesso escolar e inovação pedagógica

Promoção do Sucesso Escolar - evolução histórica, desafios e práticas de políticas, José Alberto Fateixa, Equipa PNPSE
(RESUMO POR ENTREGAR)

Trabalho colaborativo e articulação curricular: e afinal, os alunos aprendem?, Maria Cândida Marques Brito e Sílvia Salvado – AE Gardunha e Xisto

A escola constitui-se como ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos devem adquirir as múltiplas literacias que precisam de mobilizar para responder aos desafios.

O Perfil dos Alunos contempla a construção e sedimentação de uma cultura científica e artística de base humanista. Para tal, os alunos mobilizam valores e competências que lhes permitem intervir na vida e na sociedade, tomar decisões livres e fundamentadas, participar de forma cívica, ativa, consciente e responsável.

No processo de motivação dos alunos, o desafio lançado torna-se peça fundamental na sua aprendizagem. As tarefas propostas pressupõem que os alunos partam de aprendizagens essenciais, conhecimentos, capacidades e atitudes desenvolvidas para um nível mais complexo, incentivando-se o pensamento criativo e crítico e fomentando a partilha de ideias e o trabalho colaborativo.

A implementação do trabalho de projeto como dinâmica centrada no papel dos alunos enquanto autores proporciona aprendizagens significativas, conduz à valorização de diferentes abordagens e de competências individuais para execução de um projeto comum, certamente mais enriquecedor.

A iniciativa conduz os alunos a experiências de liberdade, criatividade e partilha.

Já posso flexibilizar, e agora? Cesário Silva, Diretor do AE Marinha Poente

O objetivo principal da sessão de trabalho é refletir em torno da possibilidade que os agrupamentos têm de implementar projetos de flexibilidade curricular, num quadro de autonomia e responsabilidade cada vez mais alargado.

Partilhar aspetos e questionamentos em torno das mudanças nos domínios: funcional, organizacional e pedagógico, ocorridos nos últimos três anos, no contexto do Projeto-Piloto de Inovação Pedagógica – P-PIP, com o enfoque na organização das equipas educativas, na construção e implementação de DAC/Projetos e no impacto das medidas nas metodologias de sala de aula e nos resultados das aprendizagens dos alunos.

Considera-se ainda importante enquadrar os novos desafios, no contexto das aprendizagens essenciais e de uma avaliação que se quer cada vez mais formativa, ao serviço da qualidade das aprendizagens dos alunos.

Cenário de Inovação Pedagógica. Verdade ou consequência? Marco Bento, Investigador da Universidade do Minho

Neste novo século a aprendizagem pode ser feita em qualquer hora e em qualquer lugar. A utilização de dispositivos móveis por parte dos alunos fez com que o acesso à informação não dependesse de momentos específicos definidos pelo professor. O acesso à informação está à distância de um simples clique e com isso a uma infinita fonte de informação na ponta dos dedos. Porém, o papel do professor mudou radicalmente e, acreditamos, que este não só não se extingue como adquire novas características de mediador no processo ensino e aprendizagem. Deparamo-nos com um novo perfil dos alunos, com novas competências que precisam ser exploradas e potenciadas, mediadas pela tecnologia ubíqua. Por outro lado, encaramos com um tipo de professor com dificuldades de adaptação a esta nova realidade. A formação de professores é uma necessidade real para que se adaptem ao novo contexto, fornecendo-lhes competências do ponto de vista pedagógico para potenciar a aprendizagem, conhecendo cenários pedagógicos inovadores mediados pelas tecnologias móveis.

Neste workshop pretendemos refletir sobre: o que é a escola e o que é ensinar, contextualizado no perfil dos alunos, da nova escola e dos novos modelos pedagógicos; novos espaços de aprendizagem, o mobile learning como potencial pedagógico e atividades práticas e avaliar com diferentes ferramentas digitais.

Práticas pedagógicas de obras literárias com mobile learning e em flexibilidade curricular no 1.º CEB, Carla Maia, Make It Pedagogical, AE Maia

No Workshop irei mostrar as minhas práticas "mobile learning" em flexibilidade curricular no 1º ciclo através de obras literárias, nomeadamente atividades desenvolvidas em contexto escolar (aprendizagens significativas) e quando os alunos produzem os conteúdos para a aula (APP Classflow).

Identificação das competências e emoções na comunidade educativa, Jacinto Jardim, Universidade Aberta

O projeto **SER Mais! Cantanhede** insere-se no **Projeto Empreende! Educar para o Empreendedorismo e Cidadania**, coordenado pelo Professor Doutor Jacinto Jardim (Educação para o Empreendedorismo e Cidadania – Universidade Aberta) e conta com a colaboração de uma vasta equipa multidisciplinar, constituída tanto por teóricos como por práticos. Pretende, exatamente, difundir a cultura empreendedora, estimulando a capacidade de sonhar das gerações mais jovens, despertando a criatividade e a capacidade de inovar, sustentando-se nos valores de cidadania, cooperação, solidariedade, entre outros, que contribuem para a formação integral do aluno.

Os objetivos deste projeto são: desenvolver o **dinamismo empreendedor**, assimilar os conceitos fundamentais ligados à **cultura empreendedora**, fomentar o **desenvolvimento das soft skills** com a **dinamização de sessões de educação** para o empreendedorismo com estudantes do pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos e ensino secundário, e aplicação de **ferramentas** de educação para o empreendedorismo. Sob uma metodologia de **trabalho em equipa**, seguindo uma abordagem experiencial da aprendizagem, recorrer-se-á a instrumentos e estratégias de educação para o empreendedorismo com vista ao **reforço do capital humano** e à **criação de valor pessoal, social e cultural**.

O ensino experimental das ciências no 1.º CEB, Helena Arede, Rómulo Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra

Ensinar com recurso a atividades experimentais estruturadas, estimular o gosto pela Ciência e promover, partilhar e alargar a cultura científica de um público mais jovem fomenta a atenção, a responsabilidade, o domínio de conhecimentos científicos básicos e o empenho das crianças nas tarefas que lhe são propostas, permitindo também integrar conhecimento. Neste sentido, o projeto Escola Ciência Viva - desenvolvido no Rómulo Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra - pretendeu: valorizar o ensino experimental, proporcionando o domínio de técnicas básicas relacionadas com o manuseamento de alguns equipamentos e/ou de materiais de laboratório; desenvolver processos que levam à recolha, registo e sistematização de dados; conduzir as crianças na interpretação e conclusões que advenham das experiências realizadas; e desenvolver nelas capacidades como observar,

questionar, experimentar, verificar e concluir, valorizando competências como autonomia, poder de argumentação, espírito crítico e entejuda.

Ambientes Inovadores em Educação, Isabel Bernardo, Maria do Céu Gomes, Maria Manuel Fael e Sónia Silvestre, AELdF

Com ou sem recursos digitais, ambientes inovadores em educação são os que mudam os pressupostos pedagógicos da sala de aula e reconfiguram o trabalho do professor. As atuais políticas educativas preconizam a implementação de princípios pedagógicos e metodologias ativas que organizem de forma flexível, integrada e inclusiva o trabalho dos alunos e a gestão do currículo, tendo em vista aprendizagens significativas que permitam o alcance por todos os alunos das competências definidas no Perfil dos Alunos. Neste workshop serão apresentados exemplos das humanidades e das ciências naturais, dos 2.º e 3.º ciclos e do ensino secundário, onde os alunos são colocados no centro das atividades e os recursos digitais um instrumento facilitador. A sessão terminará com exercícios práticos que visam suscitar a reflexão com os formandos sobre como transformar a sala de aula num ambiente de aprendizagem.

Flexibilização, inovação e avaliação

Caminhos para a construção de critérios de avaliação em contexto de autonomia e flexibilidade curricular , Antonieta Ferreira, Adjunta da Secretaria de Estado da Educação

Revisitam-se os propósitos da avaliação em contexto educativo, para atenta a natureza do processo se perspetivarem as tarefas e procedimentos de avaliação mais comuns à luz de princípios como a Adequação, a Diversidade e a Integração. Neste quadro traçam-se caminhos para definir critérios de avaliação de acordo com o que os normativos vigentes exigem. A avaliação constitui, a par do ensino e da aprendizagem, parte integrante, indissociável, do trabalho de desenvolvimento curricular.

Caminho para a construção de critérios de avaliação numa perspetiva de melhoria das aprendizagens dos alunos, Helena Libório, Manuela Sarmento e Natália Ferreira, AE de Esgueira

Partindo dos pressupostos teóricos subjacentes ao regime de avaliação dos alunos definido pelo Decreto-Lei no 55/2018, de 6 de julho, as Aprendizagens Essenciais e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, apresentamos o caminho seguido pelo Agrupamento de Escolas de Esgueira, Aveiro, na construção dos critérios de avaliação do ensino básico e do ensino secundário, dando os exemplos implementados em 2018-2019.

Pretende-se, ainda, que os participantes na sessão possam realizar, em grupo, um exercício de construção de critérios de avaliação de uma disciplina

Educação inclusiva

Intervenção multinível no contexto da educação inclusiva, José Correia Lopes, APPC

A abordagem multinível de acesso ao currículo tem vindo a ser desenvolvida nos últimos anos e adotada em vários países, integrando a estratégia de consolidação da educação inclusiva. Com a publicação do Decreto-Lei n.º 54/2018, tornou-se obrigatória esta abordagem, no sistema educativo português. Atualmente, as medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão encontram-se organizadas em três níveis, pressupondo a sua mobilização apenas quando se verifica a falência das que são previstas no nível anterior. O desafio que se coloca, hoje, a todas as escolas, é precisamente aplicação prática desta abordagem, de uma forma simples, fácil de compreender e executar e que responda de forma cabal às necessidades dos alunos em geral e de cada um em particular. A abordagem multinível pressupõe uma estratégia global a nível de escola que seja conduzida pelas estruturas de direção de topo e intermédias e a criação de condições didáticas e pedagógicas no quotidiano das salas de aula.

Abordagem multinível: desafios da prática, Nídia Amorin, PIN

Pretende-se debater e apresentar diferentes perspectivas no que se refere à implementação e monitorização/avaliação das diferentes medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão bem como a sua organização em três níveis distintos mas complementares de utilização. A estreita e íntima relação entre este tipo de abordagem e as necessidades apresentadas pelos alunos, em contexto de sala de aula, deve ser vista numa ótica muito personalizada, sendo este um dos maiores desafios da Inclusão nos nossos dias: ajustar de forma equilibrada os recursos às medidas necessárias para que todos os alunos sejam estimulados para o máximo do seu potencial. É contudo, relativamente fácil, compreender os desafios associados a este tipo de metodologias baseadas na individualização e flexibilização do ensino. A diversidade cultural e social vivida nas nossas escolas, atualmente, é por si só um desafio, sendo que é um desafio muito positivo, no sentido em que é gerador de um infindável número de oportunidades de nos superarmos, sermos criativos e estimularmos de forma eficaz e eficiente as aprendizagens dos nossos alunos.

Reflexões partilhadas sobre práticas de inclusão, Isabel Fidalgo e Marta Costa, DGEstE

Partindo da realidade prática dos participantes, sobre a aplicação do Decreto-lei nº 54/2008, pretende-se a reflexão e partilha de aspetos positivos bem como a construção de soluções para situações de maior dificuldade. A metodologia subjacente visa o recurso a um instrumento auxiliar de observação de particularidades do que está a acontecer na escola de cada um, permitindo identificar as causas-raízes de um problema/dificuldade, organizando o raciocínio no debate sobre um problema prioritário e proceder a análise dos fatores que envolvem a execução do processo e as respetivas resoluções. Apontamos como objetivos: ampliar a visão de possíveis causas de dificuldades, observando-as de forma sistémica e abrangente; identificar soluções, com base nos recursos disponíveis; partilhar e construir em conjunto melhorias nos processos.

Cidadania e Desenvolvimento

Construção e avaliação da estratégia nacional de educação para a cidadania na escola, Pedro Meireles, Direção-Geral da Educação

Construção e avaliação da estratégia nacional de educação para a cidadania na escola, Maria Jose Neves, Direção-Geral da Educação

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania e o Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, constituem-se como documentos de referência para os estabelecimentos de educação e ensino para, no quadro da sua autonomia, desenharem a sua Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania na Escola em consonância com o seu Projeto Educativo. Pretende-se, na Sessão de Cidadania e Desenvolvimento, refletir sobre a Estratégia de Educação para a Cidadania definida e implementada por cada escola, à luz daqueles referentes, partilhando o processo de elaboração e aprovação da Estratégia e refletindo sobre o percurso já realizado. Será igualmente abordado o modo como foram pensadas as aprendizagens dos alunos em Cidadania e Desenvolvimento e a respetiva avaliação, bem como a monitorização e a avaliação da Estratégia tendo em vista a preparação do próximo ano letivo. Por fim, procura-se, com esta sessão, que os participantes partilhem práticas, que implementaram na sua escola, parcerias construídas e que reflitam sobre reflexos desta componente do currículo na comunidade escolar e educativa.